

Debate

Uma Disciplina Humanista: *L'Ergothérapie*

Jean-Pierre R. Goubert,

Mestre de Conferências,

Centro de Pesquisas Históricas,

EHESS, Paris, França.

Email : ceto@hydra.com.br

Especial para a Revista do *ceto*,

São Paulo, 18/04/2003.

Tradução: Jô Benetton

L'ergothérapie pode ser definida de duas maneiras: em termos hierárquicos ou em termos de identidade. No caso da França, a definição que está em uso no meio dos *ergothérapeutes*, à qual se refere explícita ou implicitamente Jean-Philippe Guihard, tem uma visão hierárquica.

Neste caso, *l'ergothérapie* é considerada marginal na medida em que ela está colocada como não sendo uma disciplina, nem uma disciplina médica como a ginecologia ou a reumatologia. Não é também uma ciência, e isto por causa de uma referência a uma distinção entre "ciências duras" e "ciências moles". No caso, as normas científicas eleitas são aquelas próprias das ciências duras. Em outros termos, no caso de representação, *l'ergothérapie* se define negativamente desde sua entrada em jogo. Praticar dessa forma é partir da constatação que toma como fundamento a evidência e não a demonstração clara e convincente; dito de outra forma, sem o "a priori". Em segundo lugar, *l'ergothérapie* é considerada

Debats

Une Discipline Humaniste : *L'ergothérapie*

Jean-Pierre R. Goubert,

Maître de Conférences,

Centre de Recherches Historiques,

EHESS, Paris, France.

e-mail: jp.guihard@wanadoo.fr

Spécial pour la Revista do *ceto*,

São Paulo, 18/03/2003

L'ergothérapie peut se définir de deux façons : soit en termes de hiérarchie, soit en termes d'identité. Dans le cas de la France, la définition qui a en cours parmi les *ergothérapeutes*, dont Jean-Philippe Guihard, se réfère, explicitement ou implicitement, à une vision hiérarchique.

Dans ce cas, *l'ergothérapie* se considère comme marginale, dans la mesure où elle affirme ne pas être une discipline, ni une discipline médicale, telle que la gynécologie ou la rhumatologie, ni comme une science ; et cela par référence à une distinction entre «science dures» et «science molles», qui élit comme seule norme de scientificité celle propre aux sciences dures. En d'autres termes, dans ce cas de figure, *l'ergothérapie* se définit négativement dès l'entrée de jeu. Pratiquer de la sorte revient à partir d'un constat qui prend pour fondement l'évidence et non pas une démonstration claire et convaincante, autrement dit sans a priori. En second lieu, *l'ergothérapie* est considérée négativement par l'auteur dans la mesure où, en France, elle fait partie des professions dites paramédicales : du

negativamente pelo autor, uma vez que na França ela faz parte das profissões ditas paramédicas, que em grego significa "ao lado". Para Guihard, trata-se e é um julgamento de valor inaceitável, bem entendido, de uma disciplina marginal, esquecendo aqui que "é a margem que segura o texto". Dito de outra forma, sem *ergothérapie*, sem *ergothérapeutes*, não há medicina ou médicos válidos, tanto para a reabilitação funcional como no domínio da saúde mental.

Semelhante classificação entre disciplinas e profissões (umas médicas, outras paramédicas) constitui a última metamorfose de uma longa história que, sobretudo, é tipicamente francesa. Ao término de uma formação curta, uns serão tocados profundamente pelo saber científico do tipo universitário, à base de diagnósticos, de tratamentos, de operações e de prognósticos; outros, o cuidado vai mais além da tecnicidade. Semelhante dicotomia revela, de fato, um ato de poder que não se encontra em curso nas duas Américas, onde *l'ergothérapie* é não somente ensinada na Universidade, no seio de departamentos independentes, como também em Centros de Aperfeiçoamento, onde se encontram reunidos o ensino, a clínica e a pesquisa. Se esses não encontram demanda na França, apesar dos estágios de formação continuada, se não existem cursos de especialização, é preciso verificar os índices de imobilismo do estatuto da profissão nesses trinta anos, uma vez que não existe a prática no setor liberal nem para os pacientes, nem nas empresas, o que é diferente no Brasil e Canadá.

É isto porque, numa certa medida, conhecer implica em comparar no tempo e no espaço situações diferentes, sendo conveniente relativizar as impressões e os efeitos que são próprios de um profissional que tem uma experiência limitada ao seu país de origem.

Mais além que uma visão hierárquica e científica da *ergothérapie*, J-Ph Guihard propõe visualizar

grec para qui signifie à côté. Pour Guihard, il s'agit, et c'est un jugement de valeur inacceptable bien entendu, d'une discipline marginale. C'est précisément oublier ici que «c'est la marge qui tient le texte». Autrement dit, sans *ergothérapie*, sans *ergothérapeutes*, il n'y a pas de médecins ou médecine qui vaillent, aussi bien pour la réhabilitation fonctionnelle que pour le domaine de la santé mentale.

Pareille classification entre disciplines et professions, les unes médicales les autres dites paramédicales constitue le dernier avatar d'une longue histoire, qui plus est, typiquement française. Aux uns seraient échus le savoir scientifique de type universitaire, à base de diagnostic, de traitements, d'opérations et de pronostic; aux autres les soins, puis la technicité au sortir d'une formation courte. Pareille dichotomie relève, en fait, d'un acte de pouvoir qui n'a pas cours dans les deux Amériques, où *l'ergothérapie* est enseignée non seulement à l'université, ou sein de départements autonomes des Facultés de Médecine, mais aussi des Centres de Perfectionnement où se trouvent réunis l'enseignement, la clinique et la recherche. Si de centres manquent à l'appel en France, malgré la présence de stages de formation continue, s'il n'y existe pas de cours de spécialisation, il faut y voir l'indice de l'immobilisme du statut de la profession depuis une trentaine d'années, dans la mesure où elle n'exerce pratiquement pas dans le secteur libéral, ni pour les patients, ni dans les entreprises, à la différence du Brésil ou du Canada.

Parce que, dans une certaine mesure, connaître revient à comparer dans le temps et dans l'espace des situations distinctes, il convenait relativiser les impressions et les effets qui sont le propre d'un professionnel qui a une expérience limitée à celle de son pays d'origine.

Au-delà d'une vision hiérarchique et scientifique de *l'ergothérapie*, J-Ph. Guihard propose

o futuro da *ergothérapie* e sua mutação em *ergologie*. Aqui ainda ele parte de uma constatação: *l'ergothérapie* é uma profissão, tal qual a medicina. Isto é verdadeiro e falso ao mesmo tempo. Verdadeiro juridicamente, falso simbolicamente e socialmente falando. Ainda mais, é oportuno distinguir aqui profissão técnica e profissão liberal ou universitária. Dispor-se de reservas de domínio do estatuto profissional para definir *l'ergothérapie*, é um limitador que não serve à *ergothérapie* na França.

Em vez disso, coloca-se a questão de sua identidade amena a serviço e à visualização de sua evolução. Uma análise etimológica do termo francês (*ergon* et *thérapie*) é suficiente para esclarecer. Cada ser humano, qualquer que seja, é dotado de uma capacidade, de um potencial a realizar uma obra (*ergon*) em sua vida, realizando suas atividades. E, ele pode fazer mesmo que sofra de algum impedimento de qualquer natureza, quando usa isso que faz a especificidade humana: "saber-poético" ou *poiésis* (termo similar), isto é, a maneira de ser que lhe é própria. Nessa perspectiva, essa é arte de fazer aceitar uma transcendência, do particular para o universal, de um instante para a eternidade. Dessa forma há ritmo no tempo, ocupa-se o espaço, canta-se e chora-se a vida que se desvanece, domesticando a irreversibilidade do tempo, fazendo em pedaços seu *pathos*, (aqui no sentido psicossocial). A segunda parte da palavra *ergothérapie* provém do grego antigo *therapeuin*, que significa cuidar de qualquer um ou de qualquer coisa, ocupar-se de, cuidar de, prestar atenção a alguém ao custo de uma certa *philia* (amizade), de acordo com uma determinada dinâmica. Ora, o que significa em sânscrito o radical da palavra medicina? Exatamente a mesma coisa! Mas um autor em medicina não é obrigatoriamente um bom médico se ele não se interessa mais do que pela patologia do paciente.

d'envisager le devenir de l'ergothérapie et sa mutation en ergologie. Ici encore il part d'une constatation : l'ergothérapie est une profession, au même titre, écrit-il, que celle de médecin. Ceci est vrai et faux à la fois : vrai, juridiquement, faux symboliquement et socialement parlant. Qui plus est, il y a lieu de distinguer ici entre profession technique et profession libérale ou universitaire. Se cantonner du domaine du statut professionnel pour définir l'ergothérapie dessert plus qu'elle ne sert l'ergothérapie particulièrement en France.

En revanche, se poser la question de son identité amène à la servir et à envisager son évolution. Une analyse étymologique du terme français (*ergon* et *thérapie*) suffit à l'éclairer. Chacun être humain, quel qu'il soit, est doté d'une capacité, d'un potentiel à réaliser une œuvre (*ergon*) de sa vie en y appliquant ses activités. Et il est en mesure d'y parvenir, même s'il souffre d'un empêchement, de quelque nature qu'il soit, en mettant à profit ce qui fait la spécificité du genre humain : « savoir-poétique », ou *poiésis* (terme similaire), c'est-à-dire la manière d'être qui lui est propre. Dans cette perspective, cet art le fait accéder à une transcendance, celle du local par l'universel, celle de l'instant par l'éternité. De cette façon, il rythme le temps, occupe l'espace, chante et pleure la vie qui s'enfuit, apprivoise l'irréversibilité du temps, fait pièce à son *pathos* (ici ou sens psychosocial). La seconde partie du mot *ergothérapie* provient du grec ancien *therapeuein*, qui signifie prendre soin de quelqu'un ou de quelque chose, s'en occuper, le soigner, lui prêter attention au prix d'une certaine *philia* (amitié) selon une certaine dynamique or, que signifie, en sanscrit la racine du mot médecin ? Exactement la même chose Mais un docteur en médecine n'est pas obligatoirement un bon médecin, s'il ne s'intéresse qu'à la pathologie du patient.

Hierarquicamente ele está na posição superior de uma equipe dita de cuidadores, após 700 anos de faculdades de medicina na Europa, sobretudo a partir do fim do século XIX. Equipe esta formada por enfermeiros e enfermeiras, parteiras, psicólogos, psicomotricistas, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais (na França, a maioria é de mulheres, pertencentes ao “segundo sexo” e dotadas de uma natureza dita feminina, que as leva a obedecer ao médico homem).

Dito de outra forma, um bom chefe é reconhecido pela sua equipe e pelos outros quando se dedica a “pôr em marcha” o serviço. *L’ergothérapie* não tem porque se enrubescer de sua identidade nem de sua origem. Tomando em consideração a questão da saúde, do equilíbrio do paciente¹, de sua adaptação e de sua inserção no meio e na sociedade, ela faz aquilo que não faz o corpo médico. A esse respeito, ela é não somente útil, mas necessária; e ela está em vantagem, notadamente em relação aos acidentes domésticos ou rodoviários, assim como pelo envelhecimento da população em países ditos desenvolvidos. Conjugando no cotidiano humanismo e tecnologia, *l’ergothérapie* sabe buscar diferentes recursos para as diferentes disciplinas existentes nos fundamentos de sua ação terapêutica, sistematizando-as na sua própria prática clínica.

Ela não pode ser senão pluridisciplinar na medida em que ajuda pessoas com déficits a partir de seus “núcleos” de saúde, para descobrir suas formas de agir no mundo e sobre o mundo. Ela trata de casos individuais, que têm uma certa etiquetagem médica, que ela leva em conta, de forma criativa, fazendo o indivíduo participar da reconquista no dia seguinte de uma busca: aquela de uma via possível ao preço de um caminho que se inscreve na “duração”². A esse título ela pode se impor como uma disciplina e figurar em boa praça entre as disciplinas que se preocupam com o bem estar do gênero humano.

Et, comme hiérarchiquement, il est en position de supériorité depuis 700 ans qu’ont été créées les premières Facultés de Médecine en Europe, il s’est entouré, surtout à partir de la fin du XIX^e siècle, d’une équipe appelée soignante : infirmiers, infirmières, sages-femmes, psychologues, psychométriciens, masseurs-kinésithérapeutes, ergothérapeutes, dont, en France la majorité sont des femmes appartenant au «second sexe» et dotées d’une nature soi disant féminine qui les aurait portées à obéir au médecin homme !

Autrement dit, un bon chef se reconnaît à son équipe, à ceux et à celles dont il s’entoure pour faire «faire marcher» le service. Mais en aucune façon, *l’ergothérapie* n’a à rougir de son identité ni de ses origines. Prenant en considération la question de la de la santé, de l’équilibre du patient¹, de son adaptation et de son insertion dans milieu et dans la société, elle fait ce que ne fait pas le corps médical. A ce titre, elle est non seulement utile, mais nécessaire ; et elle est en passe de l’être davantage, notamment en raison des accidents domestiques ou des accidents de la route, mais aussi à cause du vieillissement de la population dans les pays dits développés. Conjuguant au quotidien humanisme et technicité, elle sait puiser à différentes sources, à différentes disciplines existantes les fondements de son activité thérapeutique, en les synthétisant dans sa propre pratique clinique.

Elle ne peut être que pluridisciplinaire dans la mesure où elle aide la personne déficiente, à partir de ses «noyaux’ de santé, à recouvrer ses façons d’agir dans le monde et sur le monde. Traitant de cas individuels, qui ont certes reçu un étiquetage médical, elle est en mesure, de façon créative, de les faire participer à une reconquête au lendemain d’une quête : celle d’une vie possible au prix d’un cheminement qui s’inscrit dans la durée. A ce titre, elle peut s’imposer une discipline à elle-même et figurer en bonne place parmi les

Uma articulação entre seu corpo teórico e sua prática clínica pode ser elaborada, e os trabalhos de pesquisa, do tipo universitário, serem redigidos e publicados. Ensino, clínica e pesquisa podem construir o futuro, mesmo que bloqueios se manifestem na França, notadamente do lado do pessoal médico e político.

Notas

1 Suite, en sens étymologique, de celui qui souffre (latin: patior)

1 Seguida, no sentido etimológico, daquele que sofre (latim: *patior*).

2 NT. O tempo que se *dura* e, segundo Henri Bergson, a sucessão das mudanças qualitativas dos nossos estados de consciência que se fundem sem contornos precisos e sem possibilidades de mediação.

disciplines qui se préoccupent du bien-être du genre humain. Une articulation entre son corps théorique et sa pratique clinique peut dès lors s'élaborer et des travaux de recherche, de type universitaire, être rédigés et publiés. Enseignement, clinique et recherche peuvent aller de pair à l'avenir, même si des blocages se manifestent en France, notamment du côté des personnels médical et politique.